



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ENCONTRO

Fernanda Leite Alkimim

Brasília – DF

2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ENCONTRO

Projeto de monografia apresentado como
pré-requisito para conclusão do Curso de
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília. Professora
orientadora: Dra. Patrícia Lima Martins
Pederiva

Fernanda Leite Alkimim

Brasília – DF

2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)

Roberto Ricardo Santos de Amorim - FE / UnB

Saulo Pequeno Nogueira Florencio FE/UnB

Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves - MSC (Suplente)

Dedico esse trabalho a Deus em primeiro lugar, a Nossa Senhora que me deu força, minha família que sempre foi tão importante para mim e a todos os professores para que tenham a coragem de amar e de se comprometer com o outro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser o Tudo que eu preciso, mas principalmente neste tempo, por ter me guiado me conduzido tanto durante o projeto, como também na escrita e por providenciar cada uma das coisas nos mínimos detalhes, agradeço a Virgem Maria por me dar forças para concluir com êxito essa pesquisa.

Agradeço a minha família por ter me apoiado durante toda a minha vida e principalmente durante o meu processo de formação.

Agradeço a cada um dos meus amigos que me deram força, principalmente por não me permitir desistir. Aqueles leram parte do meu trabalho, fizeram algumas sugestões de autores que poderiam compor o trabalho.

Agradeço a cada uma das pessoas do meu grupo de oração e os meus amigos mais próximos da Comunidade Católica Shalom, com quem pude contar com a intercessão, apoio e força.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte do LAMCE, que construíram parte do meu processo de formação, principalmente a Dani, Saulo, Luciana, Paulo, Ricardo, Patrícia e a professora Patrícia Pederiva, que estiveram comigo desde o início no projeto. Agradeço também as escolas e as crianças que estiveram conosco durante o período do projeto.

Agradeço muito a professora Patrícia que teve muita paciência comigo, que me ajudou a descobrir o meu tema, que depois de escolhido muitas vezes me tomou pela mão, me ensinando que caminho percorrer durante este processo que vivenciei e por último e não menos importante, a minha banca examinadora pela disponibilidade.

Agradeço a todos de coração por fazerem parte da minha história. Shalom!

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	5
Sumário.....	7
Resumo.....	8
Memorial.....	9
Introdução.....	14
Justificativa	16
O que é Diálogo?.....	17
Sobre Educação Dialógica.....	27
O Encontro num LAMCE.....	39
Perspectivas Futuras.....	60
Referências.....	61
Anexos.....	63

RESUMO

A presente pesquisa surgiu como resultado dos projetos 3 e 4 dentro do Laboratório de Arte Música Cultura e Educação – LAMCE da Faculdade de Educação – FE, onde, vivenciávamos a experiência da docência em duas escolas localizadas na Cidade Ocidental – GO, a Aleixo Braga I, no Mesquita, que fica dentro de uma região quilombola e a Aleixo Braga II, no Jardim ABC que é uma comunidade carente. O projeto teve duração de agosto de 2013 à novembro de 2014. A partir da experiência com a docência, que fui tendo, nessas escolas, passei a observar o comportamento das crianças que era de silêncio, de um silenciamento referente as propostas de atividades que oferecíamos. Começamos, por meio desse fato, a buscar uma nova forma de nos relacionarmos com as crianças, construindo, por meio de uma relação dialógica, uma ponte que levava a libertação dessa condição de silenciamento, gerando a confiança, amor, respeito, responsabilidade e autonomia.

Palavras chaves: Diálogo, educação, silenciamento, amor, autonomia.

Memorial

Eu nasci aqui em Brasília, minha família de parte de pai é do interior de Minas Gerais e minha família de parte de mãe, é do interior de Pernambuco. Os meus primeiros anos de escola foram a maior parte em escola pública, sendo que a partir da segunda série, terceiro ano, iniciei os estudos em uma escola particular. Tive dificuldade de acompanhar os demais alunos que estavam mais “avançados” do que eu no ensino, naquele ano iniciei aulas de reforço particular até o fim da terceira série, quando consegui acompanhar os demais colegas.

Logo que entrei na escola particular lembro que além da dificuldade de acompanhar o ritmo de estudos da escola, eu tive muita dificuldade de relacionamento, não gostava dos demais alunos e os achava “metidos”, meus pais estranharam um pouco, porque sempre me relacionei bem todo mundo, meu pai costumava até dizer que se a pessoa não se desse bem comigo ela não se dava bem com ninguém. Permaneci nessa escola por cinco anos, até meus pais passarem por uma dificuldade financeira. Eles conversaram comigo e me explicaram que não tinha como eu continuar na escola em que eu estava e me transferiram para uma escola pública mais próxima de casa. Novamente eu me encontrei com dificuldade de relacionamento, dessa vez de forma inversa, eu era tida como “metida” pelos demais colegas de classe. Eu estava na sétima série. Foi um choque de realidade! Eu passei a conhecer um mundo em que eu tinha experimentado muito pouco quando mais nova. Todos os dias eu voltava reclamando da escola e sempre chegava mais cedo em casa, porque os professores faltavam e a escola “subia horário” pra que fossemos embora mais cedo. A dificuldade que encontrei de relacionamento no início do ano letivo passou e logo fiz novas amizades, permaneci naquela escola somente aquele ano. Na oitava série, fui transferida para uma escola

particular novamente, também próxima a minha casa. Eu amava a escola e os meus colegas de classe. Eram pessoas simples e comprometidas, as amizades que cultivei as tenho até hoje!

No ano seguinte começamos a preparação para o vestibular da Universidade de Brasília – UnB, eu cursava o primeiro ano do Ensino Médio. Duas vezes na semana tínhamos aula no cursinho na parte da tarde, na própria escola. Meus pais achavam que os estudos para o vestibular ainda não eram suficientes, por isso no meu segundo ano do Ensino Médio me transferiram para uma escola completamente voltada para ingressar na UnB, onde concluí o Ensino Médio. Os dois anos que estudei nessa escola foram bem intensos de estudo, mas uma coisa me preocupava, eu tinha chegado ao terceiro ano do Ensino Médio e não sabia que curso eu escolheria para fazer a minha graduação. Foi quando em uma conversa com um monitor de Geografia, no intervalo do cursinho preparatório para o PAS, foi me questionando o que eu gostava de fazer, com quais matérias eu mais me identificava e eu dizia que eu gostava da área de humanas, de mexer com pessoas e que eu era catequista na paróquia em que eu participava e gostava muito de dar catequese, foi quando ele me falou: Faz Pedagogia! Você pode ir para área que você quiser com esse curso! A ideia me pareceu legal. Resolvi tentar pelo PAS, mas não passei! Eu não consegui concluir a prova da terceira etapa, estava muito nervosa. Um ano depois de ter terminado o Ensino Médio, mais calma, com menos pressão, eu tentei o primeiro vestibular tradicional de 2011 e para minha grande alegria eu passei! Iniciei o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

O primeiro semestre que vivenciei na universidade foi uma descoberta de um mundo novo. A nossa turma se intitulou Turma SS. Eu tentava entender o que era a universidade como um todo e o que era o curso de pedagogia.

No meu segundo semestre eu passei a ver as dificuldades e desafios da graduação. Comecei a me questionar se realmente era esse o curso que eu queria. Neste mesmo semestre eu fiz um trabalho no Centro de Internação de Adolescentes Granja das Oliveiras – CIAGO pela disciplina de Perspectiva do Desenvolvimento Humano. Eu e mais uma amiga entrevistamos um Pedagogo, uma Psicóloga e um Assistente Social. Não tivemos contato direto com os adolescentes, mas à medida que os entrevistados descreviam a realidade daquele lugar, as dificuldades e desafios, mais me encantava a possibilidade de poder ajuda-los. Foi o momento em que mais me identifiquei com o curso.

O tempo ia passando e no quarto semestre eu comecei a trabalhar. As coisas dificultaram um pouco mais. Eu me encontrava perdida sem saber de fato o que queria seguir dentro do curso, sabia que gostava de pedagogia, mas não me identificava o suficiente com nada para escolher um caminho e direcionar o meu curso para alguma área específica. Resolvi persistir.

No final do quinto semestre eu passei por alguns problemas de saúde e assim que se iniciou o sexto semestre eu resolvi procurar disciplinas que me agradassem e que me dessem prazer de fazer. Fiz canto coral e encontrei um projeto na área de educação musical com a professora Patrícia Pederiva. A partir desse projeto eu fui me envolvendo cada vez mais com o curso de pedagogia e descobrindo a docência, levando a teoria que aprendia para a prática enfrentando os desafios que iam aparecendo durante o projeto como em outras disciplinas, tanto no planejamento de aula quanto na aplicação na escola.

A atuação no projeto abriu meus horizontes e fez com que eu me envolvesse com a Universidade e desejar cada vez mais sugar o que ela poderia me oferecer, com a docência,

com a escola, foi uma mudança do meu pensamento quanto universitária, que não pretendia me envolver tanto com a faculdade e terminar o curso o quanto antes. À medida que eu ia caminhando e conhecendo cada vez mais aquele ambiente, a realidade que o cercava, eu desejava ainda mais estar ali. Identifiquei-me de maneira tão profunda que eu pude dizer que finalmente me encontrei dentro do curso e que recebi de fato as bases e as referências que precisava para atuar como docente.

Durante toda a minha história de vida o diálogo sempre esteve muito presente, fosse na minha família, quando, por exemplo, precisei entender que não ficaria mais na escola que eu aprendi a amar, fosse entre os amigos ou na escola, nas adaptações de ambiente quando tinha que compreender o mundo em que eu estava inserida, buscando sempre entender o outro e a forma como ele via o mundo e a partir da visão dele construir algo junto com ele dando abertura às possibilidades de onde poderíamos caminhar juntos.

Paulo freire (2014, p. 110) diz que: “Não há diálogo se não houver um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda.” A presente pesquisa ajudou antes de tudo a mim mesma como pessoa e como pedagoga, modificou meu olhar diante do espaço educativo e do papel/atuação como pedagoga, mas acredito que deve também auxiliar a todos que tiverem a oportunidade de lê-lo, pois se é por meio da ação e reflexão que eu gero a práxis e é ela a ação transformadora, eu deixo aqui a minha pequena revolução, acreditando que ela modificará o que me cerca por meio do que já transformou em mim.

Introdução

O objetivo desta presente pesquisa é investigar se é possível e como, estabelecer um processo educativo dialógico.

A palavra por si só pode ser infundada, e não ter valor, no sentido de não querer dizer nada, mas a palavra gerada por meio de uma reflexão tem a possibilidade de transformação. O caminho do diálogo reflexivo leva justamente a esse desejo de modificar o ambiente a sua volta e às circunstâncias, mas, isso só pode ser feito com amor. O amor ao outro, a vida do outro, enxergar a vida do outro como um tesouro gera essa transformação, porque só quem ama pode ser capaz de se doar ao outro e gastar tempo com ele para gerar a práxis. “Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.” (*FREIRE p.109*).

O diálogo não pode se reduzir a simplesmente colocar as nossas idéias ao outro, nem simplesmente a troca de idéias, mas uma ação transformadora que gera pequenas revoluções ao nosso redor, modificando a nossa forma de vida, porque o diálogo se faz necessidade do homem, comunicar-se.

O que enfrentamos na atualidade é um desafio, pois embora tenhamos o domínio da palavra, corremos o risco de permanecer na superficialidade em um mundo complexo, gerando o silêncio no sentido de não expressar-se, silêncio dos gestos, do corpo, do ser.

A palavra transformadora, hoje causa inquietação e desejo de mudança do mundo que me cerca, no desejo eminente de modificar o mundo o que está ao meu redor e alcançar as periferias da vida dos homens, mas isso só pode ser feito com comprometimento e amor. Assim, o presente trabalho buscará investigar em um espaço educativo quem tem por princípio e por intencionalidade educativa a dialogicidade e quais seriam os meios pelos quais ele poderia acontecer.

Para isso, o trabalho é narrado em primeira pessoa e contém também diálogos com os personagens e autores. O trabalho também está dividido em três partes. Na primeira parte buscaremos compreender o que tem sido entendido por diálogo de uma forma mais ampla. Na segunda parte aprofundaremos a discussão pensando o diálogo como princípio educativo, ou seja, o que seria uma educação dialógica. Na terceira parte será descrita e analisada uma experiência educativa que se afirma como dialógica. Declaro que os nomes e dados pessoais fornecidos referente aos personagens nos capítulos são fictícios, apenas para ilustrar a história.

Justificativa:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, p. 109).

Esta pesquisa fala sobre a dialogicidade no espaço educativo, buscando saber se de fato o processo dialógico tem acontecido no ambiente escolar e a importância do diálogo entre professores e alunos, entre alunos e alunos, entre alunos como parte de uma sociedade e como isso interfere no processo educativo, mas também nas relações como um todo.

O tema foi escolhido devido a experiências dentro do espaço educativo em que foi percebido que os alunos muitas vezes não têm voz para expor o que pensam, o que sentem, o que vivem dentro da sua cultura, ocorrendo muitas vezes um silenciamento do aluno não somente nas palavras, mas na expressão corporal, onde, ele muitas vezes não sabe se colocar dentro daquele espaço e o professor ao invés de estabelecer um processo dialógico, termina estabelecendo um monólogo.

O que é diálogo?

Os encontros não se ordenam de modo a formar um mundo, mas cada um dos encontros é para ti um símbolo indicador da ordem do mundo. [...] Não podes entender-te com ninguém a respeito dele, és solitário no face-a-face com ele, mas ele te ensina a encontrar o outro e a manter o seu encontro. (BUBER, 2013, p. 71).

Outro dia estávamos eu e a Bia em uma palestra do Buber que falava a respeito das relações, ele dizia:

- A vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos. Ela não se limita somente às atividades que têm algo por objeto. Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, ou represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, ou sinto alguma coisa, eu penso alguma coisa. A vida do ser humano não consiste unicamente nisto ou em algo semelhante. (BUBER, 2013, p.52)

Tudo isso e o que se assemelha a isso fundam o domínio do Isso. O reino do Tu tem, porém, outro fundamento.

- Bell, então eu não devo me relacionar com o outro como coisa? O ISSO significa não se relacionar com o outro como um objeto? – Disse a Bia meio confusa.

Parece que sim – Eu respondi com uma cara meio confusa, porque tinha chegado atrasada e ainda estava tentando entender o âmbito da discussão.

Aquele que diz Tu – continuava Buber – Não tem coisa alguma por objeto. Pois, onde há uma coisa também há outra coisa; cada ISSO é limitado por outro ISSO. Na medida em que se profere o TU, coisa alguma existe. O TU não se confina a nada.

Quem diz TU não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação.

Isso responde sua pergunta?! – Eu disse sorrindo para a Bia

Ela me olhou com um sorrisinho forçado – Sim!

A palestra não durou muito tempo depois daquilo, logo saímos para almoçar no Restaurante Universitário - RU. No caminho fomos conversando sobre o que tinha sido falado durante a palestra e ela me contava o que eu tinha perdido.

- Ele falava de como desenvolvemos as nossas relações e sobre a dualidade do mundo para o homem, - ela tentava me explicar - ele usava o termo: palavras-princípio. Dizia também que uma palavra- princípio é o par EU-TU, a outra é o par EU-ISSO e que sem que seja alterado o princípio disso eu posso substituir ISSO por Ele ou Ela, porque o EU da palavra-princípio EU-TU é diferente daquele da palavra-princípio EU-ISSO.

- Espera aí! Deixa-me ver se entendi. Então o EU-TU é para a relação humana e o EU-ISSO eu uso para a relação com os objetos? – Essa idéia me parecia meio confusa, porque eram termos mais filosóficos e eu precisava primeiro compreender de uma forma mais simples e depois conseguiria entrar no âmbito filosófico com mais facilidade – pensei comigo mesma.

- Não somente isso! Ambos podem ser usados na relação com as pessoas e com as coisas, mas a diferença está em que o EU-TU se dá de forma ontológica, ou seja, a metafísica do ser, o nosso relacionamento com o mundo e com tudo o que nele existe, já o EU-ISSO vem falar sobre a nossa experiência com o mundo e com o que nele existe. Martim abordava de uma forma mais profunda sobre as relações dirigindo a nossa atenção não somente a seres e objetos de forma individual ou sobre suas relações casuais, mas sobre relações de outro tipo, que se estabelece entre o homem e os seres que o envolvem no mundo cotidiano, no seu

universo cultural, individual ou social, a esfera do “entre” como lugar primordial e existencial onde acontecem os eventos autenticamente inter-humanos.

-Agora ficou mais claro! Acho que entendi! – sorrindo para ela.

Nós subimos para almoçar, não tinha fila. Era feijoada e a Bia não gosta de feijão preto, logo ela começou a reclamar – Ah não! Feijão preto!!!! Eca! - ela fez uma careta ao olhar para o feijão - Poderiam fazer feijoada com outro feijão, aquele vermelho, por exemplo, é bem melhor! – fazendo uma cara de quem sentiria mais satisfação se o feijão fosse do vermelho.

- Nunca vi feijoada com feijão vermelho. Ia deixar de ser feijoada! Não tem nem graça! O feijão preto é bem melhor. – eu disse a ela sorrindo e tentando motiva-la. A feijoada estava uma delícia! Bem caprichada, porque geralmente a comida não é muito boa - e me lembrei de algumas vezes quando comi arroz meio cru, agradecendo por aquele almoço estar tão bem feito.

Comemos e logo fomos embora. Eu não tinha mais aula na parte da tarde e a Bia também não. Voltamos para a FE, eu peguei o carro para ir embora – o meu carro é um fiesta preto mais antigo, modelo de 2001, mas mesmo sendo um pouco mais antigo eu acho ele muito bonito – Ofereci uma carona até a rodoviária para a Bia e ela aceitou, fomos conversando o caminho todo, ela falava da família dela que mora no interior do Goiás. No meio do caminho um carro me fecha e eu freio de uma vez para reduzir a velocidade. Eu reclamei do rapaz que me fechou e a Bia disse – se fosse minha tia ela já tinha descido o vidro da janela do carro e brigado com o cara, ela é super estressada no trânsito! – Depois do susto deixei-a na rodoviária e fui para casa muito pensativa com a palestra do Martin e depois com a explicação

que a Bia foi me dando, ainda tentando entender mais a fundo como se davam as relações EU-TU e EU- ISSO que o Martin falava. Meus pensamentos fervilhavam!

Estacionei o carro na garagem, peguei minha bolsa e os livros. Saí do carro em um salto, abri a porta de casa correndo. – Bença Pai? Bença mãe?

- Deus te abençoe! – Eles responderam juntos

Entrei direto para o quarto, joguei os livros e bolsa na cama e liguei o notebook e enquanto ele ligava fui trocando de roupa. Sentei na cama encostada na parede da janela do quarto, coloquei o notebook no colo e cliquei logo no ícone do Google Chrome. A página do google abriu direto e eu coloquei na barra de busca a palavra “Diálogo”. A primeira opção de cara já foi o dicionário que dizia:

Diálogo:

1. Conversar

2. Conversação entre duas pessoas ou várias pessoas.

3. Obra literária em forma de conversação que um autor faz ter às personagens que apresenta.

4. Composição em que as vozes ou os instrumentos se alternam ou se respondem.

Como eu já imaginava os primeiros pontos se referiam a uma conversa e às obras literárias, mas o quarto ponto me chamou a atenção e me fez refletir um pouco sobre como é a estrutura das músicas, elas têm melodia, harmonia, contraponto, ritmo, forma, andamento, solfejo, percepção, etc e de acordo com o dicionário elas se alternam ou se respondem e precisa existir um ritmo que os instrumentos precisam seguir, com momentos para o som e para o silêncio, como em uma conversa, um diálogo, precisa-se falar, ouvir, silenciar, refletir, compreender,

etc. Resolvi partir para buscas mais a fundo. Encontrei a origem da palavra diálogo. Vem da palavra grega *diálogos*, significa “a palavra” ou melhor “o significado da palavra”. E *dia* significa “através de” – não significando dois ou duplo – ele pode se dar entre duas ou várias pessoas.

Continuei as buscas e encontrei uma edição dos registros de um encontro sobre diálogo do David Bohm que aconteceu numa Segunda-feira 06 de Novembro de 1989 na cidade de Ojai próxima a Ventura ao Norte de Los Angeles. Ele dizia:

Claramente, muito do que é chamado “diálogo” não é diálogo no sentido que estamos utilizando a palavra. Por exemplo, as pessoas nas Nações Unidas estão frequentemente tendo encontros que costumam chamar de diálogo, mas elas, de fato, estão mais tendo discussões – ou talvez negociações – que diálogos (BOHM, 1989, p. 2 e 3).

Quando li esse trecho consegui imediatamente me recordar do Buber e percebi que essa era uma relação Eu-Isso, porque estão agindo por interesse com a finalidade de conseguir algo em específico, pensando no benefício próprio. A relação Eu-Tu trataria de forma distinta buscando a totalidade da relação.

Eu tentei continuar as buscas sobre o assunto, mas não conseguia encontrar muita coisa que falasse de forma mais ampla sobre o diálogo, percebi que ele era mais falado dentro da educação, mas que quase ninguém o abordava de forma mais ampla, falando da relação entre as pessoas e o mundo, entre as coisas e as pessoas, coisas e o mundo.

Desliguei o notebook e o coloquei em cima da mesinha ao lado da cama. Eu não estava com fome e resolvi ir dormir. No dia seguinte eu procuraria o Buber para conversar um pouco melhor sobre o assunto.

No dia seguinte na parte da tarde fui a universidade e para a minha tristeza não encontrei o Buber. Durante aquela semana eu fiquei pensando sobre o assunto e ouvi algumas conversas nos corredores da universidade referente aos estágios e a dificuldade de lidar com os alunos dentro de sala. Eles diziam:

“Alguns me escutavam, mas em alguns momentos me sentia sem moral nenhuma, já que me ignoravam. No geral, conseguimos estabelecer uma relação de cooperação, onde todos participavam e ajudavam. Mas alguns gritavam muito e não prestavam atenção.”

“Era muito difícil de conversar com eles. Eu não conseguia explicar a atividade! Eles não prestavam atenção no que eu falava!”

“Estou em uma turma de quarto ano. Autonomia eles possuem para algumas coisas. Eles não sugerem nada que não seja em torno de brincadeiras. São intolerantes e indisciplinados! Pense... Não tivemos essa disciplina na universidade! (risos)”.

Comecei a me perguntar um pouco como se dava o processo do diálogo dentro de sala de aula. Se de fato era tão difícil como os casos que ouvi, afinal, eu estava me formando em pedagogia! Precisaria ir para sala de aula em algum momento. Mas como seria? Será que eu ia me sentir como eles?

Na semana seguinte consegui encontrar com Buber um pouco antes do fim da tarde. A minha aula de didática tinha acabado um pouco mais cedo. Foi quando eu finalmente pude responder a alguns questionamentos.

- Buber, aquele dia, na sua palestra, eu consegui entender o que você dizia referente à relação Eu-Tu, que o pressuposto para uma conversa autêntica é ver o parceiro como ele é, tomando o conhecimento de que ele é outro do que eu¹, mas não entendo muito bem o que é o Isso, em sua plenitude, para mim o isso ganhou ou tem um aspecto negativo, mas não sei se foi isso que você quis dizer! – Eu disse esperando que ele entendesse o que eu tentava explicar.

- Com toda a seriedade da verdade, ouça – ele me disse olhando firmemente nos meus olhos – o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem (BUBER,2013, p.72)

Eu demorei alguns segundos até absorver o que ele me disse e então falei:

- O Isso por ele mesmo não é algo negativo! Mas quando me relaciono unicamente dessa forma eu passo a tratar a pessoa como um objeto e a relação Eu-Tu demonstra a necessidade do ser em ver o outro como algo inteiro e não em partes, de forma esquadrihada.

- Na medida em que se amplia o mundo do Isso, deve progredir também a capacidade de experimentar e utilizar. O indivíduo, pode, sem dúvida, substituir cada vez mais a experiência direta pela experiência indireta ou pela “aquisição de conhecimentos”, ele pode reduzir cada vez a utilização e transformar em “aplicação” especializada, não obstante seja indispensável que essa capacidade se desenvolva de geração em geração. (BUBER, 2013, p.74)

- Como a produção de conhecimentos científicos. – eu disse - calculamos dados, pesquisamos, fazemos estatísticas, entrevistas, fazemos anotações. Buscamos facilitar a vida do ser humano em diversos aspectos: na comunicação, conforto, estabilidade, produção de cada vez mais aparelhos tecnológicos que vão facilitando a vida do homem como um todo, a cada geração a tecnologia vai se aprimorando, mas mesmo pessoas de um alto nível intelectual, ocorre um autêntico o analfabetismo afetivo: são indivíduos truncados, incompletos, mal formados, imaturos, estão preparados para trabalhar de forma eficiente, mas são absolutamente incapazes de amar, – eu disse com aspecto mais tranquilo e reflexivo, pois consegui finalmente entender essa nova esfera em que eu me inseria. – Como disse também Alexis Carrel no livro “O homem, esse desconhecido” de 1935, mas traduzido na década de 1950, que diz que o homem conhece o mundo ao seu redor, mas não conhece a si mesmo. Explora o espaço sideral, mas não viaja pelos labirintos da sua alma. Investiga os segredos da ciência, mas não escuta seu próprio coração. – Eu refletia, mas verbalizava todos os meus intensos pensamentos.

- É nisto que se pensa quando se fala de um desenvolvimento progressivo da “vida espiritual”. Com isso, a gente se torna culpado do verdadeiro pecado verbal contra o Espírito, pois esta “vida espiritual” representa geralmente um obstáculo pra uma vida do homem no Espírito, ela é, quando muito, a matéria que, depois de vencida e modelada, a vida do Espírito deve consumir. É um obstáculo, pois a capacidade de experimentação e de utilização se desenvolve no homem frequentemente, em detrimento de sua força-de-relação, único poder, aliás, que lhe permite viver no Espírito. O espírito em sua manifestação humana é a resposta do homem ao seu Tu. – me explicava Buber (BUBER, 2013, p. 74).

- O conhecimento íntimo refere-se ao experimentar uma pessoa em sua totalidade enquanto pessoa determinada pelo espírito. Não posso conhecê-lo intimamente se o trato como objeto, mas como presença para mim. Respondi sorrindo querendo complementar de alguma forma o que ele falava.

Eu quero te apresentar uma pessoa! – me disse Buber

Quem? – perguntei curiosa e sorridente

A Jackelyne. Acho que com a conversa que tivemos hoje, vai ser muito bom pra você conhecer um pouco do que ela pensa também. Vai complementar com aquilo que eu já te falei e com aquilo que eu acredito ser sua grande inquietação!

Ok! – eu ria ao dizer- você acha que entendeu o porquê fico tão inquieta com esse assunto!?

Acho sim! – disse ele presunçoso! – você quer saber sobre isso porque sempre se perguntou sobre como seria quando você começasse a dar aula. Você tem medo de não ser o que você pensa. De não conseguir dar aula, de ser uma professora “carrasca” e controladora.

- Ahhhhhhhh.... aonde você conseguiu tantas informações?

- Eu tenho ouvido também entre os corredores as experiências dos outros universitários no estágio e pelo que sei você ainda não estagiou.

- É eu ainda não estagiei. Fiquei um pouco assustada com os comentários, eu confesso, mas preciso estar lá, dando aula primeiro, pra saber se de fato é isso! Não posso descartar essa possibilidade pelo que andam comentando nos corredores.

- Você tem razão! Na quarta-feira da semana que vem a Jackelyne vai estar aqui. Eu apresento vocês e você vai poder tirar algumas dúvidas sobre a sala de aula e o ambiente escolar.

- Obrigada Buber! Você tem sido um grande amigo, me ajudando a descobrir o que eu quero e estando sempre atento as minhas inquietações e indagações! – eu sorria contente e grata por tê-lo como amigo.

- Precisando pode contar comigo! – ele me disse sorrindo!

Abrçamos-nos e eu fui embora pra casa, precisava descansar o dia tinha sido muito intenso e cheio de informações! Quando cheguei em casa tomei um banho para relaxar e fui ler o livro “Divergente” da Verônica Roth, simplesmente para me distrair até que o sono chegasse. Não demorou muito e eu caí no sono.

Sobre educação dialógica

Os dias que se seguiram foram de intensos trabalhos e estudos, mas já estávamos no fim da semana. No fim de semana eu aproveitei para sair um pouco e descansar a cabeça. Fui ao cinema e assisti ao filme “Jogos Vorazes: A esperança”, amei a continuação dos filmes, muitas emoções! Quando o filme acabou eu resolvi andar pelo shopping e comprei algumas coisas, passei na sorveteria e comprei uma casquinha, voltei pra casa e fui dar continuidade ao livro “Divergente” que a cada página prendia cada vez mais a minha atenção! O resto do fim de semana passou de forma muito tranquila.

Diferente do fim de semana leve e tranquilo que tive, o início da semana começou a todo vapor!!! Trabalho para entregar segunda, seminário para apresentar na terça e quarta eu encontraria com a Jackelyne. Comecei a pensar sobre o que ela falava, como seria esse encontro, sem saber ao certo o que de fato aconteceria. Eu estava muito ansiosa!

No início da noite o Buber me ligou.

- Alô?

- Oi Bell?! É o Buber

- Oi Buber! Tudo bem com você?

- Tudo sim! E Você?

- To bem! Um pouco cansada, a semana começou bem agitada! – eu disse com uma voz risonha

- Final de semestre é assim mesmo! – ouvi ele rindo – Mas então... Estou te ligando para combinar como vai ser amanhã.

- Ahhh sim! Onde nos encontraremos?

- Você vai ter aula amanhã?

- Vou sim! No primeiro horário da tarde! Você estará na Universidade?

- Vou, na parte da tarde. A Jackelyne vai para um Encontro de Professores também esse horário. Quando acabar sua aula me procura. Eu acho que vai ser exatamente o horário do intervalo do Encontro que ela vai estar. Vou ligar pra Jackelyne e combinar com ela também.

- Ok! Combinado! Veremos-nos amanhã a tarde. Beijo. Tchau.

- Beijo. Tchau.

No dia seguinte eu me arrumei e fui para a aula. No horário combinado eu fui procurar o Buber. Ele me levou até o auditório em que estava acontecendo o Encontro de Professores. Ficamos do lado de fora esperando o intervalo. Até que no meio da multidão que saía do auditório o Buber avistou a Jackelyne, que já foi imediatamente falar com a gente. Ela parecia muito simpática e receptiva. Eles se cumprimentaram.

- Jackelyne, essa é a Bell.

- Oi! Prazer – me disse ela sorrindo em um tom amigável.

- Oi, prazer! – Eu respondi um pouco ansiosa.

O Buber tomou a palavra e disse para a Jackelyne – Ela tem andado bem interessada em saber um pouco mais sobre diálogo no ambiente escolar. – apontando para mim

- Eu posso te esclarecer algumas coisas e algumas dúvidas, se você quiser. – me disse ela rindo com a forma que o Buber falou. – Quais são sua dúvidas?

- São tantas... – assim que ia começar a falar o Buber me interrompeu e disse- Meninas, eu vou indo, tenho compromisso. Até mais!

- Até – Eu disse

- Tchau! – disse a Jackelyne.

- Então... – eu continuei, olhando para ela eu disse – Eu me interessei muito depois de assistir uma palestra do Buber. Ele falava sobre diálogo e as relações Eu-Tu e Eu- Isso. Andei pesquisando um pouco sobre o assunto, mas não encontrei muitas coisas, foi quando resolvi procura-lo e conversar um pouco. Ele me explicou algumas coisas e me disse que seria bom eu conversar com você, porque ele me percebeu um pouco preocupada em como seria quando eu entrasse em sala de aula. Até mesmo pelo que andei ouvindo nos corredores, entres os alunos da universidade sobre o estágio e alguns que começaram a trabalhar recentemente como professores nas escolas.

- Primeiramente, calma! – ela me disse rindo - esse é exatamente o tempo em que você deve se questionar sobre todas essas coisas, mas não deve se desesperar. Você está indo pelo caminho certo, pesquisando, procurando pessoas, conversando, buscando orientações. – ela me falou de forma compreensiva.

De alguma forma eu me senti mais tranquila depois dessas palavras, ela foi me acalmando e começou a me explicar:

- Eu tive a experiência de trabalhar em algumas escolas, fui percebendo que dentro da sala de aula as crianças passam por um silenciamento, resolvi me aprofundar um pouco mais. Descobri os tipos de silêncio em que a humanidade vive. Nem todos são ruins, mas cada um tem um sentido e um significado dependendo do contexto, e o que precisamos estar sempre atentos é justamente para avaliar esse silêncio e como ele paira em sala de aula. Por exemplo:

À possibilidade de um auto-conhecer e sendo externalizado como uma aparente ausência de voz, o silêncio, no âmbito do eu-(para)-eumesmo, enviesa-se também na contemplação interior de um eu que se volta a si ou ainda presentifica-se no viés do silêncio-para-o-pensamento como uma possibilidade de se constituir um diálogo das vozes no pensamento do ser (MORAES, 2010, p. 41)

- Entendi. Nesse caso o silêncio é positivo. – afirmei.

- Encontramos em Cunha (1981, p. 37) – continuou ela - uma ideia bastante ampla da dimensão do conhecer-a-si-mesmo em que se afirma que “a humanidade se inicia no momento em que o homem reflete, não só quando passa a conhecer, mas quando se conhece” (MORAES, 2010, p. 42).

- Paulo Freire (2013, p. 52) afirma isso também, ele diz que é a reflexão e a ação dos homens sobre o mundo que pode transforma-lo e pelo que você me falou agora, eu consigo perceber que isso só pode acontecer se existir quando o ser se conhece, e essa via de conhecimento se dá por meio do silêncio reflexivo, de conhecer-a-si-mesmo. – Eu disse tranquila por conseguir compreender o que ela me explicava.

- Não podemos negar – e não estamos aqui para isso – a importância do conhecer-se-a-si-mesmo, até mesmo porque esse ato sustenta-se quando os indivíduos, ao encontrarem-se consigo mesmos, tornam possível a abertura para o acolhimento do outro na relação (BUBER, 2007). O conhecer-se a si necessário é para que o Eu saiba que pode responder àquele que o interpela. (MORAES, 2010, p. 42) Porém, não se pode deixar de considerar que o pensamento autônomo é sempre uma possibilidade latente, já que, sobretudo, “pensamento é fala (conversa consigo)” (VIGOTSKI, 2000, p. 25).

- Então, a unidade pensamento-fala encontra-se indissociável, porque dialoga consigo mesmo. No caso da sala de aula, por mais que a professora insista em calar o pensamento do aluno ele ainda pode resistir. Ele pode até estar calado de forma exterior, mas a voz recebe espaço no pensamento do ser “fala quase sem palavras” (VYGOTSKY, 2005. p.181), porém “não deve ser visto como uma fala sem som”(VYGOTSKY, 2005. p.172), mas sim como uma fala que dá suporte à existência do ser. E como o Buber diria – eu sorri ao lembrar – “que a gênese do

pensamento não se efetua no colóquio do eu consigo mesmo”, aí é que se encontra o pensamento dialógico, o acolhimento do outro na mente.

- Exatamente! Existe também o silêncio do eu-(para)-o-outro. Enquanto um cala o outro fala. O senso comum em torno da realização comunicativa tem sido, pois, o do viés do calar para ouvir, do ouvir para poder falar, havendo nessa progressão a preleção de uma série de atos para a fluência comunicativa, como ocorre, metaforicamente falando, com os movimentos dos jogadores num tabuleiro de xadrez, em que um após o outro executa a sua jogada.

- Fez-me lembrar da definição que encontrei no dicionário sobre diálogo dentro de uma estrutura musical, o item dizia: *Composição em que as vozes ou os instrumentos se alternam ou se respondem.* – Disse satisfeita.

Exatamente, mas fundando-se, pois, na simples observação da existência do som, dada a percepção fisiológica da audição, promove-se uma dicotomização entre fala e silêncio como se um fosse o pólo contrário do outro. Fisicamente, a percepção que emerge é a de que os órgãos da escuta e da fala estão em completo funcionamento, mas são percebidos, contudo, pelo desempenho de suas funções em alternância. Tal percepção fomenta a concepção de silêncio que mais circula na vida social: a concepção do silêncio literal, do silêncio como ausência de fala, como tipificado por Van Manen (apud LI, 2002); o que, entretanto, leva muitas pessoas a excluírem a possibilidade de um funcionamento simultâneo de ambos os órgãos dos sentidos (MORAES, 2010, p. 55).

- Quer dizer que embora, eles possam funcionar em alternância, também pode funcionar de forma simultânea, mas que muitas pessoas esquecem que ambos os órgãos possam funcionar ao mesmo tempo e encaram a ausência da fala como o silêncio literal.

- Isso mesmo! – me disse ela sorrindo. A expressão facial dela de mudou para a de uma leve preocupação e pesar e ela me disse – Tenho que ir. O intervalo já acabou e última pessoa que estava do lado de fora acabou de entrar.

- Tudo bem! – eu disse de forma compreensiva – Foi muito bom conversar com você e poder esclarecer algumas questões. Foi um prazer!

- Foi um prazer também! Oportunamente marcaremos de nos encontrar outra vez e conversar um pouco mais. – ela disse com um pouco de pressa.

- Tchau! – falei com um sorriso

- Tchau! – ela me disse com o tom de voz um pouco mais alto, acenando pra mim, porque já estava distante.

Eu fui embora satisfeita com a nossa conversa. E cheia de coisas para pensar. Peguei o carro e fui para casa. Quando cheguei, já bastante cansada, tomei um banho para relaxar e comecei a pensar...

A Jackelyne me falou muito referente ao silêncio e o silenciamento que acontece muitas vezes em sala de aula vem da opressão, que fazem na maior parte das vezes os professores, muitos já cansados da dificuldade que se encontra em sala de aula. - E me vem à mente o relato de

uma amiga logo que começou a dar aula – Ela me relatava que os alunos gritavam muito e não a respeitavam e um dia, ela já exausta de falar com os alunos, chorou em sala, quando ela chegou em casa parou para refletir e disse a si mesma que isso não mais aconteceria. No dia seguinte, quando foi dar aula, ela brigou com os alunos, os mandou calar a boca e ficarem quietos. Os alunos silenciaram e passaram a “respeita-la” depois disso.

Percebo quatro pontos na situação que ela me relatou:

1- Os alunos eram os opressores e após passar pela situação de oprimida ela tomou o lugar do opressor.

2- A busca pelo poder. Que o poder é estar no lugar do opressor. É quem oprime. Tanto para os alunos quanto para ela.

3- Não houve de fato a libertação da situação do oprimido versus opressor.

4 - O silencio aconteceu porque teve um opressor e um oprimido. Eu não o vejo como outro de mim, por isso o trato como ISSO, ou ainda: Nós não conseguimos domina-la agora, a isto fomos obrigados a renunciar, nunca é possível dominar uma situação da qual tomamos conhecimento íntimo. Mas nós a subjulgamos, incorporando-a na substância da vida vivida. Responsabilizamo-nos por ele. Uma realidade concreta do mundo, novamente criada, foi-nos colocada nos braços: Nós respondemos por ela. (BUBER, 2007. P. 50)

Vejo que essa situação vale também para aqueles relatos que ouvi nos corredores outro dia, referente aos estágios. O que percebi é que existe uma questão por trás de como tratamos as pessoas, que vai muito além do que é nítido aos nossos olhos e que isso age de forma muito

peçoal em cada um, que é a responsabilidade com o outro e o amor que tenho por ele, também muito dito por Paulo Freire (2013, p. 46) “daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que através, de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, possibilite aquela busca do *ser mais* “

Quando luto por esse *ser mais* eu vou alcançando cada vez mais a metanóia que é o resultado dessa minha busca. “No momento, porém, em que se comece a autentica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já que está lutando pelo *ser mais*.” (FREIRE, 2013. P. 47) É como alguém que tem uma meta a e a atinge, mas quando a atinge já tem uma nova meta distante, então a primeira meta passa a ser uma micro meta, sempre em busca desse *ser mais* e cada micro meta alcançada gera em mim a metanóia, uma nova mentalidade.

Terminei o banho e fui dormir. Não demorei muito a cair no sono essa semana foi muito corrida e hoje eu estudei muito e depois me encontrei com a Jackelyne que me deu bastante coisa para pensar. Ainda envolta com a minha reflexão do banho, apaguei a luz, deitei e com aquele pensamento que aos poucos foi se tornando cada vez mais distante, se tornando um sono cada vez mais profundo e eu finalmente dormi.

No dia seguinte, acordei ainda cansada da semana puxada. Eu tinha somente mais dois trabalhos para entregar um hoje e outro na sexta. Fui a aula normalmente entreguei o trabalho, assisti a aula e voltei para casa, procurei não me demorar muito, mas eu estava bastante feliz porque o dia seguinte seria o ultimo dia de aula antes das férias e depois eu iria curtir as tão desejadas FÉRIAS!

Quando cheguei em casa fiz o que faço habitualmente. Coloquei as coisas no quarto, lavei as mãos, fui à cozinha, comi, tomei banho, depois fui para o meu quarto olhar se tinha algo que precisava fazer para o dia seguinte e graças a Deus eu já havia feito e estava livre. Não estava muito tarde, mas resolvi ir dormir e descansar melhor.

Na sexta-feira, ultimo dia de aula, amanheceu mais radiante, o céu estava lindo, as árvores pareciam mais verdes e mais bonitas. Aprontei-me e fui para a universidade. Hoje eu tinha aula de Orientação Vocacional Profissional, ainda bem que é uma disciplina tranquila. A Bia pegava essa matéria comigo. Fomos para a aula e ambas empolgadas por ser o ultimo dia de aula, para a nossa sorte a professora passou toda a matéria que faltava na metade da aula, o horário era duplo e quando bateu o intervalo a professora liberou a turma.

- Graças a Deus!!! FÉRIAAAASSSSSS!!!!!!! – a Bia falou em alta voz, se sentindo aliviada pelas aulas terem acabado.

- Eu também não aguentava mais! – respondi a ela com gargalhadas pela encenação que ela fazia pelas aulas terem acabado.

- E como foi seu encontro com a Jackelyne? – ela perguntou

- Foi ótimo! Ela me ajudou muito! Eu pude enxergar muita coisa com mais clareza. Estou um pouco mais tranquila quanto à atuação na escola. Conversamos sobre o silenciamento em sala de aula, falei também com o Buber sobre as relações e sobre aquela palestra daquele dia.

- Legal, vi que você ficou bem inquieta aquele dia, querendo saber mais sobre o assunto. – ela me dizia querendo saber como foi, mas querendo puxar assunto. Também ouvi referente aos

estágios, acho que o meio das instituições, principalmente a escola. Fazem-nos pensar que em tudo de maneira muito “escolarizada”, a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com a educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é “escolarizada” a aceitar serviço em vez de valor (ILLYCH, 2007. p. 7).

- Eu também acho. O conhecimento de muita gente passa a não ter valor nenhum por causa dessa visão que a sociedade tem. Por que alguém que tem graus de estudo de forma institucionalizada precisa ser aquele que sabe mais do que aquela senhora que trabalha há anos naquela área, conhecendo as dificuldades e possibilidades daquele trabalho, mas ela é desvalorizada por não ter diploma, apesar de ter o conhecimento. Ou um professor precisa ser o “detentor do conhecimento” na sala de aula? Acredito que se houvesse uma partilha de conhecimentos e pudessem crescer juntos seria além de mais didático, traria prazer as crianças em aprender e em conhecer, podendo até aguçar o desejo dela do saber e despertar grandes vocações! – neste momento caminhávamos e ela parou para olhar o mural e viu a oferta de projeto de educação musical com a professora Eduarda Semenovitch. – quando pegávamos projeto tínhamos a oportunidade muitas vezes de atuar dentro de sala e conhecer um pouco melhor o papel/atuação do professor na escola, ou na área de atuação que projeto oferecesse. - Imediatamente ela me olhou com os olhos arregalados e falou – Olha que legal! Educação musical. Vamos pegar esse projeto no semestre que vem?

- Vamos! – respondi empolgada, porque amo tudo que tem a ver com musica.

- Ouvi que essa professora trabalha dessa forma, com a construção do conhecimento junto com os alunos. Algumas pessoas que já fizeram a disciplina dela no projeto me falaram muito bem do LAMCE.

- LAMCE? - Eu perguntei.

- Sim. Significa: Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação.

- Uau... Eles trabalham tudo isso no laboratório?

- Trabalham e os alunos que fazem parte do projeto me falaram muito bem. Eles disseram que trabalham em duas escolas na Cidade Ocidental – GO.

- Que legal! Vou me inscrever no próximo semestre pra saber como funciona e se eu gosto.

- Ok. FAREMOS nossa inscrição! – ela ressaltou o máximo possível à palavra: *faremos*.

Eu ri da forma como ela falou e disse - FAREMOS! – me despedi dela desejando boas férias e fui para casa muito feliz por poder finalmente descansar de verdade.

O Encontro num LAMCE

As férias foram ótimas. Descansei bastante, mas um novo semestre letivo se iniciava. Eu havia pegado seis matérias e o projeto de educação musical. A reunião de apresentação estava marcada para a quinta-feira das 14hrs as 18hrs. Conforme combinamos, Bia estava junto comigo no projeto.

Na quinta-feira à tarde, fomos para a sala reservada pelo projeto na Faculdade de Educação – FE 3. Chegamos no horário que colocaram no mural. Cada um se apresentou, disse seu nome, idade, o nome do curso que fazia, semestre que cursava e deixaram livre pra dizer mais alguma coisa se quisessem, muitos falaram que cantam, outros que dançam, outros que gostam de teatro, outros assumiam que não sabiam fazer nada, mas que gostavam de música, era um projeto aberto a todos que quisessem participar independentemente do que cursava na universidade e qual semestre que estava, se fazia ou não alguma coisa na área de música, mas era um lugar como foi dito muitas vezes para nos descobrirmos. “O conceito de amusicalidade só se faz necessário para reforçar a figura de gênios perante um mercado”. Recriando o velho ditado, “somente em terra de ‘amusicais’ quem tem talento é gênio” (PEDERIVA, 2013, p. 174).

Esse era o segundo semestre do Laboratório de Música, Arte, Cultura e Educação. Um dos alunos, Rafael, tomou a palavra para nos explicar o que era o projeto e como funcionava.

- O projeto é um grupo de ensino, pesquisa e extensão. É aberto a todos os alunos que desejarem fazer parte, é um laboratório, onde, vamos exercer a docência. É importante dizer que, há uma lei de obrigatoriedade da música na educação básica, lei 11.769/2008, que torna obrigatório o ensino de música nessa etapa da educação, por isso o LAMCE possui uma tarefa

importante de construir novos alicerces para uma prática emancipadora a área da educação musical, mas acredito também que, em outros campos da educação, por meio da experiência adquirida dentro do projeto. Por ser um laboratório estamos sujeitos a coisas que vão dar certo e coisas que não vão dar certo. O que não der certo, vamos repensar, analisar aonde foi a falha, e o que podemos fazer para corrigir e fazer dar certo. Nós trabalhamos em conjunto e pensamos nas atividades juntos. Quando vamos elaborar as aulas, todos podem participar e dar sua contribuição se desejarem, porque acreditamos que cada um tem algo de novo para oferecer. – instigando os novos membros a participarem cada vez mais e de forma ativa.

[...] uma educação estética criadora e que proporcione a cada um, com base na igualdade, na vontade, na liberdade, na ética, na imaginação, na criação em autêntica e plena convivência, a condição de possibilidades de expressão de sua musicalidade nos mais diversos modos de tratamento artístico dado à música na história da humanidade. Todos podem, se todos tiverem acesso e se assim o desejarem” (PEDERIVA, 2013, p. 174).

Ele continuou - Nós nos reunimos toda quinta-feira para fazer o planejamento das aulas e também os estudos que alicerçam a base teórico-filosófica de cada um de nós, com o propósito de ampliar a nossa formação. Os estudos que compõe a nossa base são na área de criação, imaginação, cultura, desescolarização, diálogo, música, musicalidade, desenvolvimento, educação, em outras palavras, - ele disse de forma divertida - educação libertaria na perspectiva histórico-cultural do estudo teórico da educação musical. – todos riram junto com ele porque pareceu uma fala ensaiada e assim que se recordou ele disse –

Estamos trabalhando com o livro Criação e Imaginação na Infância de Lev Vigotski. Alguém tem alguma pergunta?

- Eu tenho – disse uma menina baixa, magrinha que usa óculos – Em qual escola o projeto atua?

- Desculpa, eu não lembro seu nome!

- Ellen. – disse ela de forma agradável

- Ellen, nós atuamos em duas escolas, ambas na Cidade Ocidental – GO. A primeira escola, a Aleixo Braga I, fica no Quilombo Mesquita, onde, temos uma comunidade quilombola, e parte dos alunos que recebemos nessa escola são quilombolas e outra não. Só estão localizados na região do quilombo. A segunda escola, Aleixo Braga II, localiza-se no Jardim ABC, em uma comunidade carente. Atendemos aproximadamente 80 crianças. As Atividades acontecem aos sábados pela manhã e tem crescido gradualmente o número de crianças que chamamos de núcleo duro, que são as que costumam participar todos os sábados, mas a atividade é aberta a qualquer pessoa que deseje e queria fazer parte.

- Muito legal! – respondeu Ellen e mais duas garotas.

- Quando começam as atividades? – Bia perguntou

- Próximo sábado. – respondeu a Isa, uma amiga que eu já conhecia e fazia parte das atividades desde o início. – Vocês vão poder conhecer as escolas e um pouco do lugar.

Semestre passado buscamos verificar o repertório musical deles, o que eles escutam, que tipo de música eles gostam, trabalhamos paisagens sonoras, ciranda e percussão corporal. Como vocês ainda vão estar se adaptando ao ambiente, nós combinamos de lembrar o que eles já viram nesse próximo sábado, assim vocês podem participar e conhecer como nós trabalhamos e saber o que já foi feito.

Todos concordaram e pareciam ansiosos para conhecer as escolas, as crianças e a comunidade. Éramos aproximadamente 10 pessoas no projeto.

- Todos os que estão aqui, estão matriculados na disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação ou já fizeram? – Perguntou a professora Eduarda um pouco preocupada. A disciplina era pré-requisito pra quem fosse participar do projeto para entender melhor como funciona o projeto.

Sim – todos responderam.

Que bom! – disse ela com uma cara de alívio e satisfação. – Então, sábado agora às 7h45min. na rampa da FE 3 e às 8hrs em ponto nós saímos no ônibus da universidade. Ok?! – disse ela dando bastante ênfase no horário para ninguém se atrasar.

Ok! – respondemos de forma individual quem quis e alguns preferiram só concordar acenando com a cabeça de forma positiva.

- Nos veremos sábado. Obrigada pela presença de todos e sejam muito bem vindos para somar com a gente. – disse a professora

Eu e a Bia nos despedimos de todos e fomos embora assim que acabou a reunião. Eu havia gostado bastante da proposta do projeto e do que eles falaram, observei que eles também trabalham com o diálogo, por isso fiquei ansiosa para conhecer um pouco mais. Seria essa uma proposta diferente do que experimentaram os outros alunos que me relataram suas experiências? A Bia não se aguentava nela mesma. Não calava a boca um segundo, só falando do projeto e do que ela pensava a respeito, conversamos um pouco e partilhamos nossas expectativas. Despedi-me dela e fui para casa, ansiosa pensando em como seria o sábado.

No sábado assim que chegamos à primeira escola, fomos procurar uma sala, estávamos na Aleixo Braga I, no Mesquita, procuramos afastar todas as mesas e cadeira da sala para a parede para deixar o espaço livre para as nossas atividades. Aos poucos as crianças foram chegando e nós as recepcionamos, e fomos perguntando de maneira individual como foram as férias. Observei que havia mais duas pessoas conosco que faziam parte do projeto e davam aula de percussão corporal, era o Davi e a Laura, eles são casados. São muitos simpáticos e sorridentes. Pedimos para que fosse feito um círculo para iniciarmos as atividades.

- Vamos iniciar a atividade, cada um fala o nome e faz um som diferente, depois vamos repetir o nome e o som da pessoa. Eu começo e ai vai o próximo. Vamos lá! Rafael, pá, pá – bateu palmas. Todos repetiram - Rafael, pá, pá. – e cada criança falou seu nome e fez seu som. Quando a atividade finalizou foi pedido que cada um sentasse onde estava, porque íamos “brincar” de batata quente. Tínhamos uma bola amarelo claro de plástico e íamos cantar uma música e na criança em que parasse ia ter que cantar um pedaço da música que gostasse. Quando a bola parava em alguma das crianças elas tinham muita vergonha de cantar a música que gostava e cada um de nós universitários, buscávamos sentar entre eles, em lugares estratégicos para ouvir o que elas falavam e alguns motivávamos a dizer o nome da música e

saber se mais alguém sabia para que pudéssemos cantar todos juntos, eu percebi que essa intencionalidade que tínhamos ia trazendo confiança delas em relação a nós professores, aos colegas de sala e a confiança nelas mesmas de expor algo que muitas vezes elas guardavam pra si mesmas ou por timidez ou porque já foram reprimidas de alguma forma.

As atividades humanas enraízam-se, verdadeiramente, nas relações entre as pessoas. Nesse sentido é que se pode afirmar que elas são convivências. Desse modo, é na qualidade dessas relações e por meio da apropriação das ferramentas histórico-culturais que se podem criar as condições de possibilidade para o desenvolvimento de cada um e de todos(PEDERIVA, 2013. P. 161)

Dessa forma também recolhíamos das crianças as músicas, um repertório, que nos ajudava a trabalhar com elas a partir de onde elas estavam e daquilo que elas já sabiam. Perguntamos as crianças se elas se recordavam o que foi feito no semestre anterior. Eles pareciam bem tímidos em falar, mas de repente um deles falou:

- Ciranda, histórias com sons...

- Batuque. – disse um menino rapidamente

- paisagens sonoras – outro tomou coragem de dizer.

- Os sons que podemos fazer com o nosso corpo. – disse uma menina um pouco mais nova do que a maior parte da turma, que tinha aproximadamente entre nove e treze anos.

Incentivamos à aquele que se sentissem a vontade para nos mostrar, ou explicar quais eram os possíveis sons que poderíamos fazer com o nosso corpo e eles fizeram alguns sons. Perguntamos também se alguma delas sabia descrever as atividades, como eram feitas. Elas descreveram as atividades e perguntamos se eles queriam fazer a atividade naquele momento, para que aqueles que ainda não tivessem tido a oportunidade de conhecer, pudessem experimentar. A atividade foi refeita e procuramos deixar que eles assumissem a atividade, mas eles não quiseram, então tomamos a frente para realizar a atividade. Ao final dessa atividade, o Davi e a Laura assumiram com a percussão corporal.

- Forma de um túnel – falou o Davi

Imediatamente todas as crianças correram para fazer o túnel, no mais absoluto silêncio – era uma regra da brincadeira, sempre que era dito: forma de... ; todos faziam silêncio. Buscavam se comunicar de outras formas como o olhar, às vezes gestos, algumas crianças tomavam a frente para organizar as demais. Tudo era organizado em um tempo (não necessariamente contado, mas que dava pra terem se organizado) estipulado pelo coordenador da atividade. Quando o tempo acabava, todos ficavam como estatuas e o Davi avaliava a forma feita, ou pedia para qualquer um dos alunos avaliarem.

Eu percebi que as crianças também gostavam muito da percussão corporal por poderem fazer música com o próprio corpo, fazendo sons legais, eles gastavam bastante energia. A percussão buscava trabalhar a vocalização dos sons para cada parte do corpo, como por exemplo:

Parte do corpo	Som do corpo vocalizado
Estalos dos dedos	Ti, ti, ti.
Palmas	Pá, pá, pá.
Mão batuca no peito	Tum, tum, tum.
Mão batuca na barriga	Dom, dom, dom.
Mão batuca no bumbum	Bum, bum, bum.
Pés batucando no chão	Tchum, tchum, tchum.

Ao vocalizar os sons do corpo, facilitava a assimilação de qual parte do corpo se deve batucar (AMORIM, 2014. Comunicação pessoal). Quando encerramos a percussão corporal a Laura nos conduziu para o nosso grito de guerra final e pediu que ao final déssemos um abraço em doze pessoas. Observei que isso reforçava as nossas relações com as crianças e delas conosco e com todo o grupo.

Encerramos as atividades e fomos para a escola no Jardim ABC. Trabalharíamos o mesmo cronograma. As crianças do ABC pareciam um pouco mais tímidas, não sei se pelo fato de serem mais novas do que as do Mesquita, mas me pareciam ainda mais tímidas e retraídas. Quando perguntamos quais as atividades foram feitas no semestre anterior, foi ainda mais difícil arrancar as palavras da boca delas, eram muito fechadas para falar. Tivemos mais dificuldades do que na primeira escola. Fiquei impressionada com o silêncio deles, principalmente quando pedíamos sugestões de atividades. Encerramos no horário previsto e fazíamos as avaliações referente as aulas nas duas escolas, cada um falava dos pontos que achavam positivos e negativos e faziam sugestões de acordo com o que as crianças iam querendo.

Em uma dessas avaliações percebemos que deveríamos fazer os cronogramas de forma distinta para cada escola, pois apresentavam demandas diferentes, realidades diferentes e pensavam de forma distinta. Passamos a fazer dois cronogramas. No Mesquita, as crianças devido ao ambiente em que elas vivem, com a banda do quilombo chamada Som de Quilombo, elas preferiam e pensavam mais em estrutura de apresentações. No Jardim ABC, como eles eram menores foram se encaminhando para as brincadeiras cantadas.

Ao longo do semestre fomos desenvolvendo os cronogramas separados para cada escola, percebemos foi melhor e que as coisas começaram a dar mais certo. As atividades que íamos planejando, conseguíamos cumprir e as crianças começavam a responder melhor aos estímulos que fazíamos de participação dentro das atividades.

Durante um dos sábados, no meio do semestre, fizemos uma brincadeira de contação de histórias no Jardim ABC, que me chamou muito a atenção! Levamos um bastão que confeccionamos pensando em cada uma delas, todo enfeitado com imagens que tanto os meninos quanto as meninas iriam gostar.

A brincadeira era assim: O bastão indicava quem iria contar a história naquele momento, sempre que tivesse um som que poderia ser feito dentro da história, todos os demais que estavam na roda faziam o som, cada um falava um pouco e passava o bastão para a pessoa do lado continuar a história. A brincadeira buscava estimular a imaginação e criação das crianças, tanto ao contar a história, como também os sons que poderiam ser feitos dentro daquela história, fazendo com que elas pudessem colocar as suas ideias naquele espaço e exercessem um pouco, mesmo que minimamente, a autonomia e o protagonismo.

Muito me surpreendeu uma menina que tinha aproximadamente 8 anos, o nome dela era Giovana. Quando ela pegou o bastão pra dar continuidade na história, ela contava com uma riqueza de detalhes muito grande e comandava a história totalmente, ela dizia – Eles entraram na caverna escura (todos faziam o som de passos: tchum, tchum, tchum...) e viram muitos morcegos (som do morcego), mas ao andarem mais para dentro eles encontraram corpos pendurados no teto da caverna, todos ficaram assustados e com muito medo (som de todos assustados e com medo) e saíram correndo da caverna passando pela floresta em direção a casa (som de pessoas apavoradas correndo) – Enquanto ela contava eu fui percebendo também as expressões faciais que ela fazia em cada um dos momentos enquanto ela contava, quando ela dizia deles entrando na caverna ela fazia uma cara de cuidado com lugar desconhecido e possivelmente assustador, que ia se confirmando à medida que eles entravam na caverna e ela colocava mais intensidade na voz, com um certo tom sombrio, com uma cara de quem quer assustar a todos, quando os personagens já estavam saindo da caverna ela fazia uma cara de medo e pânico, ao passar pela floresta para chegar na casa de forma desesperada. Percebi, naquele momento, que algo começava a surgir, o novo que esperávamos daquelas crianças. Elas começaram a enxergar que poderiam expor as suas ideias, expressar o que sentiam e tudo isso foi construído com elas durante aquele quase um ano de atividades. Foi árduo até chegar ali, mas extremamente recompensador.

Quando chegamos na reunião de avaliação das atividades, estávamos muito felizes com o progresso das crianças, a atividade tinha começado um pouco tímida, mas que elas foram se soltando, até diria que, em alguns momentos, elas se “esqueceram” que nós éramos os professores e começaram a dominar a atividade, depois da Giovana, outras crianças se sentiram instigadas a dar continuidade na história com a mesma intensidade que ela. Ficamos bastante contentes, pois começávamos a ver os frutos do que íamos semeando.

No decorrer do meio pro fim daquele semestre tivemos também alguns problemas, sobre como abordar a forma agressiva de algumas crianças, sobre como lidar com alguns meninos com a sexualidade exacerbada que levava a não respeitar as meninas e algumas das professoras do projeto e também a questão de que algumas crianças eram muito carentes e às vezes não tinham o que comer. Neste dia na reunião de avaliação discutimos bastante na tentativa de avaliar o que poderíamos fazer e como deveríamos proceder em casos assim, levamos também a discussão para as reuniões da quinta-feira, pois só íamos à escola uma única vez na semana, o que dificultava a forma de como abordar o assunto e embora não fosse dentro da nossa “área” de atuação, porque trabalhávamos com a educação musical, precisávamos pensar em uma forma de como lidar com aquelas situações, até mesmo, porque surgiu dentro do projeto. Decidimos que naquele caso, era melhor lidar com cada situação de forma individual, com cada aluno, de uma forma acessível a eles e com naturalidade por meio de uma conversa particular no momento em que acontecesse a situação, buscando demonstrar outros aspectos a respeito do que eles faziam e falavam, como por exemplo, quando não respeitasse as professoras e as meninas ou quando surgia alguma coisa sobre sexualidade. Referente às crianças mais carentes conversaríamos com a ONG que já trabalhava com esse e outros suportes a comunidade no espaço da escola.

Encerramos aquele semestre com uma confraternização em cada uma das escolas, levamos as comidas e bebidas e ao final da atividade fomos lanchar e nos confraternizarmos. Perguntamos o que cada um queria para o próximo semestre e no Mesquita as crianças queriam começar a trabalhar com instrumentos musicais. No Jardim ABC elas pediram para continuar com brincadeiras cantadas e com contação de histórias e em ambas decidimos continuar com a percussão corporal.

No início semestre seguinte, nós resolvemos novamente recolher o repertório musical. No Mesquita aconteceu algo muito interessante, muitos dos alunos estavam com muita vergonha de cantar a música. Recolhemos algumas músicas do quilombo da Banda Som de Quilombo que eles levaram e assim como foi pedido no semestre anterior, levamos alguns instrumentos e começamos a acompanhá-los enquanto cantavam e os demais que estavam sem instrumento foram acompanhar com a percussão corporal. Quando chegou a vez de um menino de aproximadamente 13 anos ele estava com muita vergonha e falou no ouvido de uma das professoras do projeto que o incentivou a cantar, no início ele pareceu muito retraído ao cantar a música vagalume, mas quando ele viu que nós aderimos a ideia e aceitamos cantar junto com ele, todos de maneira muito livre foram cantando, ele se sentiu mais seguro e se soltou para cantar, ficou um clima muito bom de cantar aquela música e o Davi entrou com a percussão corporal, com um pouco mais de gingado se aproximando de uma dança, aqueles que tinham instrumento nas mãos foram acompanhando com o violão, pife e gaita, os demais acompanharam batucando no corpo. Durante aquele semestre fizemos essa experiência com outras músicas, como menino da porteira e logo depois, eles foram se sentindo cada vez mais a vontade para trazer novas músicas, umas no estilo gospel, outras sertanejo, a maior parte eram músicas da mídia.

Fizemos também a brincadeira do jogo da memória auditivo em ambas as escolas. Tínhamos vários potinhos fechados com algumas coisas dentro que faziam som, eles precisavam encontrar o par de cada potinho. O rosto deles ao tentar descobrir o que tinha dentro somente com o som, sem a possibilidade de ver o que tinha dentro, fazia com que eles ficassem curiosos e prestassem o máximo de atenção possível para encontrar o outro potinho correspondente. Algumas crianças acertaram, outras trocaram os potinhos entre si tentando

encontrar o som que correspondia, ao final, um a um abria os potinhos para ver se conseguiram achar o som correspondente ao potinho que elas estavam segurando. Todos gostaram muito da brincadeira. Buscamos trabalhar a escuta atenta, as possibilidades de som, além, da fraternidade entre eles por meio das trocas dos potinhos, buscando fortalecer os vínculos.

Durante aquele semestre, no Mesquita, como havíamos prometido, buscamos trabalhar com os instrumentos, fizemos algumas aulas trabalhando os estilos musicais e quais instrumentos específicos correspondiam a cada estilo de musica, tentamos trabalhar os principais, como forró, funk, rock, sertanejo, samba, reggae. Buscamos mostrar como é a batida de cada um e tentamos cantar uma música de cada estilo juntos. Permitimos também que eles fossem experimentando cada um dos instrumentos, o violão, a flauta, o pife, pandeiro, ukulele, violino, guitarra, cajon, tambor, caixa, chocalhos, triangulo e outros instrumentos que levamos na caixa de instrumentos. Com o passar do semestre eles foram trazendo as músicas e se dividiam em grupos para apresentar para os demais colegas e para os professores do projeto.

No Jardim ABC, de acordo com o que eles haviam pedido, trabalhamos com as brincadeiras cantadas, e a contação de histórias. Pedimos que elas trouxessem as brincadeiras que elas conhecessem para que pudéssemos todos aprender e levávamos algumas para ensinar. Com o passar do semestre, abrimos espaço para que eles pudessem criar as próprias brincadeiras. Foi um sucesso! Todos se divertiram muito!

No final do semestre eu fiz uma retrospectiva comigo mesma do tempo que passamos atuando nas escolas. Depois de um ano e seis meses com elas, durante as atividades no Mesquita, deixávamos com que elas se separassem em grupos para montar atividades, pois agora eles

seriam os professores. A maior parte dos grupos pensou em apresentação com as músicas e as coreografias. Motivamos para que elas não trouxessem a música do celular, mas cantassem no momento da apresentação, um dos grupos, apresentou uma brincadeira para que fosse feita com todos. Diferentemente das crianças da Aleixo Braga I, as crianças da escola Aleixo Braga II, no Jardim ABC, foram se encaminhando para as brincadeiras cantadas. Ao final do projeto também propomos para elas que fossem professores durante aquele dia, eles se dividiram em grupo e montaram brincadeiras cantadas. Ao passar entre os grupos eu as ouvia decidindo:

- Vamos fazer aquela brincadeira que ela cantou! – disse uma

- Canta a música! – disse outra

- Vou brincar também!!! – disse a terceira e todas as crianças abriram a roda de cadeiras para que ela também pudesse brincar.

Elas criaram todas as brincadeiras, estabeleceram as regras de como seria o funcionamento, testaram e depois compartilharam com os demais colegas de turma. Algumas brincadeiras foram recriadas de forma construtiva, no sentido de que, a brincadeira original (que deu origem a brincadeira delas) era a dança das cadeiras, é uma brincadeira excludente, em que alguém sempre tem que perder. As crianças transformaram a brincadeira. Colocaram cadeiras para todos. Criaram um refrão para que pudessem cantar enquanto todos rodavam em volta das cadeiras, quando a música acabava, todas elas corriam para sentar, todas as crianças sentavam e tinham que abraçar os colegas que estavam ao seu lado.

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. (VIGOTSKI, 2009. P.22)

Ele ainda continua mais a frente dizendo:

A fantasia não se opõe á memória, mas apoia-se nela e dispõe de seus dados em combinações cada vez mais novas. A atividade combinatória do cérebro baseia-se, em ultima instância, no mesmo processo pelo qual os traços de excitações anteriores são nele conservados. A novidade dessa função encontra-se no fato de que, dispondo dos traços das excitações anteriores, o cérebro combina-os de um modo não encontrado na experiência real (VIGOTSKI, 2009. P. 23).

Todas as brincadeiras foram muito boas e muito legais! Foi então que se passou como um filme na minha cabeça, alí, naquele momento. Eu vi a conversa que tive com o Buber, com a Jackelyne, os livros que li, as coisas que discuti com a Bia. Foi como se eu tivesse visto naquelas crianças o que estudei semestre passado, o medo de falar, o silenciamento não somente das palavras, mas dos gestos, elas não se expressavam, sempre a espera do que fossemos “mandar” elas fazerem. Nem mesmo quando perguntávamos sugestão de atividades elas não falavam. E agora, elas estavam tomando a frente das atividades, assumindo um

protagonismo e uma autonomia na sala de aula. Percebi todo o processo que elas vivenciaram as levou para o reconhecimento de si e do seu espaço enquanto ser humano, enquanto pessoa e que isso foi gerado a partir da relação que estabelecemos com elas, a relação Eu-Tu que o Buber tanto me falava. Todas as conversa que tivemos, as vezes que as motivamos para participarem das atividades ou para conduzir alguma atividade que já tínhamos feito dentro de sala. Agora elas eram de fato os “professores”.

Para Buber (2001, p. 34), o “inter-humano implica a presença ao evento do encontro mútuo”. Não haveria, para ele, a possibilidade do conhecimento de um indivíduo, mas o relacionamento fundado no interpessoal. O Tu não pode ser representado como um objeto porque ele é um acontecimento sempre atualizado. A imediatez, a reciprocidade, a presença, a totalidade, a incoerência no espaço e no tempo, a fugacidade e a inobjetivação são suas principais características, de acordo com o autor (PEDERIVA, 2013, p.166).

Ela ainda continua:

Essas seriam as bases de uma ética relacional e que, de acordo com as ideias contidas neste trabalho, deveriam nortear também as atitudes educativas. O ato educativo deveria ser um ato relacional presentificado. ”Deveria ser uma constante atualização de si e do outro para que possa ser autêntico e verdadeiro e não uma eterna preparação para um amanhã distante, longe no tempo e longe no espaço relacional” (PEDERIVA, 2013. P. 166 E 167).

Até mesmo as crianças tidas como as mais difíceis, por não se encaixarem no padrão habitual das escolas, nós procurávamos meios e mecanismos de didática para atraí-las e descobrimos

por meio do diálogo uma via de comunicação, chegando discreta e caridosamente em cada uma e dizíamos que determinada atitude delas dentro do grupo não estava sendo legal e a criança reconhecia e voltava a participar da atividade junto com todos e procurava colaborar conosco.

As pessoas tidas como “desqualificadas”, fora do padrão, já não são mais úteis para a organização social atual. São pessoas que, por não terem as mesmas oportunidades, podem se tornar uma ameaça para os “bem-sucedidos”, que elas atribuem a realização de fatos e suas consequências desastrosas e incômodas como a violência urbana, o mercado informal e o tráfico de drogas (TUNES, 2011, p. 16).

A diferença para essas crianças foi vê-las e não trata-las como um problema social, por estarem fora dos padrões que exige a escola e a sociedade, mas de nos vermos responsáveis por elas e com elas buscarmos caminhos para o crescimento, para o *ser mais*, no olhar de Paulo Freire (2014, p. 47), que os leva ao processo da metanóia, proporcionando aos poucos a libertação da condição de oprimido e do silenciamento, neste caso de maneira oposta, como uma forma de resistência ao opressor e por isso as crianças não “prestam atenção”, não sentam na cadeira, gritam, não escutam o que o professor fala. – Eu fazia uma reflexão do que havia experimentado.

A construção da confiança, do amor e da responsabilidade mútua, foi fundamental neste processo de construção da relação com o outro, não vê-lo como um objeto, como um meio

para alcançar um fim, o que leva a retirada do caráter humano (TUNES, 2011. P. 17), mas de trata-lo como presença, no face-a-face.

Para a solução positiva do problema, surge o amor. “Amar” opõe-se a “usar”. A raiz de qualquer amor entre pessoas é o elo do bem comum e do comum objetivo. E não há amor sem tal bem comum para uní-las. Para isto, deve haver, pelas pessoas envolvidas, um reconhecimento deste bem como tal, e uma opção livre e consciente por ele. Tal escolha torna-as iguais entre si, excluindo qualquer sujeição entre elas. Estarão igualmente subordinadas a tal bem, que se torna objetivo comum (CAVALCANTE, 2010, p. 19).

Com a experiência dentro do projeto eu fui vendo aos poucos que de fato o amor aquilo que fazíamos e um novo caminho que mostrávamos para aquelas crianças elas foram modificando a forma de pensar e de agir, foram se tornando mais livres, mais seguras de si, acreditando que elas eram capazes, tornando-se protagonistas das suas próprias vidas. Ao final do projeto a Isa reparou que até algumas meninas que, no início do projeto andavam curvadas e eram mais retraídas, estavam com a postura ereta e demonstravam segurança em si tanto no falar, como ao caminhar.

No ultimo dia do projeto, as crianças haviam sugerido uma festa e disseram que elas mesmas queriam fazer a música da festa. Levamos bolos de vários tipos, pão de queijo, suco, refrigerante, salgadinho, chocolate e livros de histórias para dar de presente às crianças. Antes de nos confraternizarmos e comermos, fizemos uma roda e sentamos no chão. Foi aberto um

espaço para quem desejasse falar. A professora Eduarda começou agradecendo pelo tempo que trabalhamos juntos, à escola, às pessoas que nos apoiaram e às crianças principalmente.

- Eu gostaria também de agradecer por cada um aqui presente. Por poder participar desse projeto, aos que nos apoiaram nesse caminho e as crianças. – disse o Davi

- Mais alguém quer falar alguma coisa? – perguntou a professora Eduarda.

- Eu! – disse a Laura – Queria agradecer pelos momentos que passamos juntos. Agradecer as crianças por estarem conosco, aos que nos apoiaram, a cada uma das pessoas do LAMCE. – ela terminou sorrindo.

- Mais alguém? – Perguntou a professora outra vez.

Um menino levantou a mão e disse – Tia, vocês deixaram o nosso corpo livre!

Todos nós ficamos perplexos, surpresos e gratos pelo comentário dessa criança.

- Isso é bom? – perguntou a professora instigando.

- Sim! Porque a gente se sente livre e a gente pode fazer o que quiser com o nosso corpo!

Internamente cada membro do grupo vibrava, soltava foguetes, se emocionava com aquelas palavras que foi justamente o nosso objetivo desde o início. Percebemos que abrimos um leque de possibilidades para as crianças, onde, elas eram capazes de se reconhecer no tempo e

espaço, de forma autônoma, mas não somente isso, a fala dessa criança nos fez refletir, se “deixamos o corpo delas livre”, é porque elas reconhecem que se sentiam presas de alguma forma e de maneira individual refletíamos quais os efeitos que essa nova forma de trabalhar, causou, de forma particular, em cada uma delas.

- Eu também quero falar – disse uma mulher que fazia parte do apoio ao grupo. – Queria agradecer a vocês, por ter tido a oportunidade de estar aqui com as crianças, de trabalhar com vocês. Eu aprendi muito. Sou uma nova mulher, vocês me ajudaram a acreditar em mim e se não fosse por vocês eu talvez nem estaria aqui hoje. Muito obrigada! – Disse ela sem conter as lágrimas e muito feliz – Obrigada pela paciência, pelas conversas, pelos puxões de orelha e por me “sacudir” quando eu precisei e me fazer ver as coisas de uma forma diferente. Muito obrigada – ela abraçou a professora Eduarda e depois me abraçou.

Depois de fortes emoções, fizemos nosso último grito de guerra e fomos aproveitar a nossa festa, com as coisas que levamos. Distribuímos para cada criança alguns livros e gibis. Na avaliação, todos estávamos bastante emocionados com o dia que tivemos e com as despedidas. Cada um falou o que sentiu e no que o projeto foi importante de forma pessoal e também das aulas.

No caminho de volta para a universidade, eu fiquei muito pensativa com tudo o que aconteceu e fui refletindo, que, para mim, foi o amor que me moveu durante todo o projeto. Não qualquer amor, mas o amor de decisão! Que mesmo nos momentos mais difíceis e diria até, que, por causa desses momentos difíceis, eu desejava cada vez mais estar ali. Minha decisão se tornava cada vez mais convicta, pois percebi que o amor me levava a ver o outro como um Tu, como eu discutia com o Buber há um ano e seis meses atrás, que me faz ver o outro como

alguém que me levava ao face-a-face, e me fazia trata-lo com respeito, cuidado, responsabilidade e que era esse amor que me levava ao encontro de cada uma daquelas crianças, que me levava ao encontro com as pessoas que nos auxiliavam no projeto e que me levava ao encontro com cada um dos meus colegas de trabalho durante todo o processo que vivemos, gastando, com muito prazer, o meu tempo, a minha vida e tudo o que eu podia oferecer. Ao chegarmos à universidade estávamos tristes com a despedida e com o encerramento das atividades, mas ao mesmo tempo com um sentimento de profunda gratidão e de missão cumprida, porque muitos frutos foram gerados em ambas as escolas.

Na realidade, o amor nunca é algo completo, algo “dado” à mulher e ao homem, sempre é uma “tarefa”. Eis como é preciso vê-lo: em certo sentido, o amor nunca “é”, mas “se faz” a cada instante, dependendo da contribuição de cada pessoa, da profundidade do seu compromisso (WOJTYLA, 1982. P. 121).

Perspectivas Futuras

O trabalho me permitiu crescer muito como pessoa, mas também como pedagoga, como professora. Muitas vezes me surpreendi com as vivências, com as crianças, e isso foi algo que mudou muito a minha visão sobre a sala de aula e a forma de tratar os alunos, principalmente àqueles que são tidos como os “mais difíceis”. Penso que as dificuldades são inerentes a qualquer profissão, cada uma com suas peculiaridades e desafios próprios, mas confesso que aprendi a amar a profissão e as “aventuras” que ela nos proporciona, aprendi também a acreditar em mim e que eu posso sim entrar em uma sala de aula. Acredito que hoje me sinto mais capacitada para atuar como professora e espero ser uma excelente profissional independentemente de quais áreas da pedagogia eu possa vir atuar.

Referências

BARTHOLO JR., Roberto dos Santos. **Você e Eu: Martin Buber, presença e palavra.** Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2001.

BOHM, David. **O Dialogo.** Edição dos registros de um encontro que aconteceu numa Segunda-feira 06 de Novembro de 1989 na cidade de Ojai próxima a Ventura ao Norte de Los Angeles. A transcrição inglesa editada foi corrigida e aprovada pelo Dr. Bohm.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 2003.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 10ª edição, 5ª reimpressão, 2013.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico.** Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: 1ª edição, 2007.

CAVALCANTE, José Haroldo de Assis. **Karol Wojtyla e o conceito de pessoa: definição e características em suas obras filosóficas principais.** Brasília, 2010. Monografia

CUNHA, Dalva. **Silêncio, comunicação do ser.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

CRUZ, Léa da. **Línguas cortadas?: Medo e silenciamento no trabalho do professor.** Niterói: Ed. UFF: Intertexto; São Paulo: Xamã, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Editora Paz e Terra. 57ª edição, 2014.

GOMES, Pedro Braga. **Filosofia do Relacionamento.** Artigo

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas.** Tradução de Lúcia M.E. Orth. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2ª ed., 2005.

MORAES, Jackelyne R. Cintra. **O valor do silêncio na atitude educativa do homem. Uma ontologia do silêncio na escola.** Brasília, 2010. Dissertação de mestrado.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 3ª ed., 2005.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Martin Buber: cumplicidade e diálogo.** Bauru: EDUSC, 2003.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

_____. Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica.**

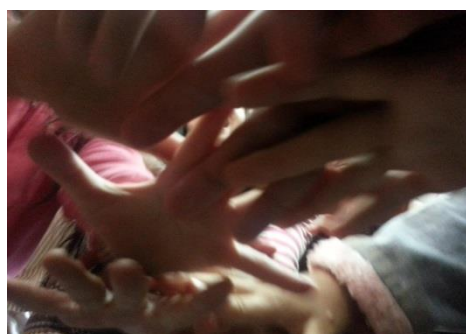
PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; TUNES, Elizabeth. **Da atividade musical e sua expressão psicológica.** Curitiba: Prismas, 2013.

TUNES, Elizabeth. **Sem escola, sem documento.** Rio de Janeiro: e-papers, 2011.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores/Lev Semionovich Vigotski;** apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WOJTYLA, Karol. **Amor e responsabilidade.** Tradução Pe. João Jarski e Pe. Lino Carrera. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

ANEXOS



Mariana Almada